



Famílias, mestiçagens e afetos nas Minas Setecentistas

Gustavo de Castro Belém*

BELÉM, G. de C. **Famílias, mestiçagens e afetos nas
Minas Setecentistas.** *História Social*, n. 26, 2023, pp. 358-364.

Resenha de: ANGELO, Fabrício Vinhas Manini. **Pelo muito amor que
lhe tenho:** a família, as vivências afetivas e as mestiçagens em Minas no
século XVIII. Jundiá: Paco Editorial, 2021. 228 p.

<https://doi.org/10.53000/hs.n26.5174>

Descrevendo os arranjos familiares do Antigo Regime, Hespanha assevera que a família à época incluía “[...] agnados e cognados, mas ainda criados, escravos, e, até, os bens”². A conferência do léxico coevo corrobora a perspectiva do historiador. Bluteau assinalava que o termo abrangia “as pessoas de que se compoem huma casa, pays, filhos & domesticos”³. Apontamentos que permitem, pois, estimar a vasta distância que aparta as sensibilidades atuais quanto às formas de constituição familiar de seus

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista FAPEMIG.

² HESPANHA, António Manoel. A família. In: MATTOSO, José. **História de Portugal: o Antigo Regime (1620-1807)**. Lisboa: Estampa, 1998, p. 250.

³ BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português, e latino**, v. 4. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1713, pp. 28.

correlatos do século XVIII. Contudo, constatar a extensão do conceito não significa afirmar a homogeneidade das configurações familiares produzidas pelos indivíduos que habitaram o império português. Em especial, quando se leva em conta o trânsito de sujeitos e de objetos diversos e distintos - sem precedente até então - da Ásia até as Américas, produzindo um espaço de notável diversidade biológica e cultural.

Nesse sentido, livro de Fabrício Vinhas Manini Angelo - *Pelo muito amor que lhe tenho: a família, as vivências afetivas e as mestiçagens em Minas no século XVIII* - investiga os arranjos familiares da região mineradora da América Portuguesa. Correspondendo à dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Minas Gerais em 2013, a obra representa uma incursão inicial do autor por temáticas que seriam retomadas no decorrer de sua trajetória. Para a tese de doutoramento em Educação, Angelo retornou às famílias das Minas setecentistas e aos processos de mestiçagem nos territórios auríferos, articulando os temas com as estratégias educativas empregadas nos termos de Sabará e Ouro Preto no século XVIII. Vale ressaltar que as pesquisas posteriores do autor incorporaram novos tópicos e abordagens para compreender as configurações de família e as mesclas biológicas e culturais, passando a abordar a cultura escrita do período.

Pelo muito amor que lhe tenho se situa na intercessão entre campos variados da historiografia. O autor investiga as famílias das Minas setecentistas - especificamente, na comarca do Rio das Velhas -, entre 1717 e 1780, a partir dos afetos⁴ que entrelaçavam os indivíduos residentes na região. Nesse sentido, adota uma perspectiva dos arranjos familiares que não se resume à reiteração dos modelos presentes na tradição católica lusitana. Ao contrário, reconhece a complexidade das relações que marcaram a sociedade mineira à época, abrangendo desde uniões implícitas que deixaram apenas vislumbres na documentação até o trato tumultuoso entre integrantes de uma mesma família.

⁴ Optou-se por acompanhar a obra resenhada e empregar “afetos”, “emoções” e “paixões” como sinônimos.

Para tanto, Angelo se baseia nas formulações de Chartier⁵. Em particular, as noções de *práticas, representações e apropriação*, conduzem seu exame acerca da maleabilidade dos vínculos familiares, dos papéis sociais desempenhados pelas personagens e das possibilidades de se contornar, adaptar ou subverter as formulações de família. Em complemento, o conceito de *universo cultural*, cunhado por Paiva⁶, possibilita uma compreensão da sociedade mineira do século XVIII como produto e produtora de mestiçagens, caracterizando-se, portanto, por coexistências, contrastes, assimilações e recriações a partir da interface entre indivíduos e culturas múltiplas. Em um cenário definido pela presença e pelo contato cotidiano entre portugueses, indígenas e africanos, bem como pelos sujeitos gerados a partir das uniões entre expoentes de cada um desses grupos, os costumes, normas, crenças e valores se imbricaram reciprocamente e geraram um arranjo social multifacetado - o que não implica, entretanto, que tenha sido igualitário.

Quanto às fontes, Angelo emprega testamentos confeccionados na comarca do Rio das Velhas ao longo do Setecentos. A leitura das disposições de última vontade é precedida por uma exposição dos significados, perspectivas e práticas associadas ao ato de testar - ou seja, produzir um testamento -, conjugando uma análise do contexto cultural europeu com reflexões acerca de sua transposição para a região mineradora. Sem ignorar a temporalidade particular dos documentos em exame, o autor intenta reconstituir os pressupostos, fórmulas e liberalidades adotados pelos testadores ao estipular seus ritos funerários ou dispor dos bens que possuíam. Colocando os testamentos em diálogo, torna-se possível para Angelo averiguar tanto as conexões diretas (quando uma mesma personagem se faz presente em mais de um registro, caracterizando as nuances de uma trajetória familiar) como indiretas (contrastando textos

⁵ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuel Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

⁶ PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

distintos para se aprofundar no universo das vivências afetivas e das famílias mineiras) entre as personagens analisadas.

Angelo organiza o texto em quatro partes, sendo as duas primeiras seções voltadas para os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam seu trabalho, enquanto os últimos capítulos se dedicam à investigação dos testamentos. Com efeito, a obra se inicia com uma série de especificações relacionadas ao ato de testar, identificando os sentidos atribuídos à prática e os critérios adotados para a composição daquela espécie de documento no século XVIII. Constatando a longa duração dos testamentos como formulações jurídicas - alcançando a Antiguidade - e reconhecendo a ressignificação das disposições de última vontade à luz do catolicismo, verifica que as fontes em exame são um amálgama de preocupações transcendentes e questões patrimoniais e afetivas de ordem terrena. Ademais, o autor recorre a Ariès para compor o quadro de uma *revolução dos sentimentos* que teria lugar na Europa do Setecentos, transformando formas de perceber, atuar e sentir em relação ao outro.

Tais mudanças sociais e culturais afetam também as perspectivas relacionadas à morte, assim como constroem o universo dos afetos, atribuindo-os um âmbito mais restrito, Angelo postula um entrelaçamento incontornável entre as vivências afetivas e os testamentos: visto que incluíam a descrição dos ritos fúnebres desejados pelos testadores, a seleção dos herdeiros responsáveis por concretizar aquelas vontades não poderia ser acidental ou irrefletida. Situando o debate nos contornos geográficos e culturais das Minas, nota que a redação de testamentos não se distribuía igualmente entre as camadas sociais da sociedade local. Ademais, tratando-se de uma sociedade majoritariamente iletrada, estipula uma leitura crítica das disposições testamentárias. Afinal, por detrás das expressões e fórmulas empregadas pelos escrivães identifica-se a existência de vínculos e emoções entre os mineiros do Setecentos.

Esmiuçando o repertório teórico-metodológico que orienta sua produção e aprofundando os diálogos com a historiografia, Angelo insere seu trabalho na *história das mestiçagens*. Para o autor, observar a sociedade

mineira do Setecentos a partir das mesclas biológicas e culturais permite vislumbrar como o contato e a convivência entre sujeitos díspares contribuiu para constituir, desconstruir e relativizar costumes, crenças, normas e valores. Com isso, flexibilizaram-se as distinções e conformaram-se novas maneiras de hierarquizar o mundo à sua volta. Como assevera Angelo, a mestiçagem possibilita entrever como práticas e representações emergiram e a forma como os indivíduos navegaram através das ambiguidades e contradições geradas pelos encontros culturais.

Especificação que constata com a seção subsequente, quando o autor se volta para a produção historiográfica e intenta um excuro transdisciplinar para definir as vivências afetivas. Com efeito, a alusão aos historiadores - em especial, Ariès - que se voltaram para as emoções em outras temporalidades serve para ancorar a leitura da documentação, mas carece de considerações aprofundadas quanto à forma como os próprios sujeitos do século XVIII concebiam os afetos. Como exemplo, sobre o *amor* que compõe o título do livro, assinalar as permanências clássicas e medievais atreladas ao conceito e esquadrihar as modulações próprias da Primeira Modernidade enriqueceriam a perspectiva analítica adotada⁷. Ademais, dada a ênfase na mescla biológica e cultural presente nas Minas, inquirir sobre representações e práticas que extrapolavam os horizontes da tradição europeia contribuiria para ilustrar como interagem concepções distintas de emoções. Paralelamente, o recurso à Psicologia, com o intuito de descrever as vivências afetivas, é descontextualizado, de modo que o critério norteador das referências não é esclarecido e não se discriminam os pressupostos e correntes a que se filiam os autores incorporados ao trabalho.

Esmiuçando os testamentos, Angelo principia a segunda seção do livro esboçando um perfil dos testadores da comarca: homens e mulheres, livres e forros, nascidos na região ou oriundos de locais variados de Portugal e da África. Em um contexto social desigual, os documentos não escapam

⁷ KAMBASKOVIC, Danijela. Love. In: BROOMHALL, Susan. **Early modern emotions: an introduction**. Nova Iorque: Routledge, 2017, pp. 56-60.

à tentativa de ocultar origens tidas por degradantes. Complementarmente, demonstra como o ato de testar se vinculava à formação de redes entre os habitantes do Rio das Velhas – estratégia de relevância para assegurar a sobrevivência ou a ascensão em uma conjuntura definida por uma mobilidade destoante das visões de sociedade do Antigo Regime. Destaca-se a autonomia que Angelo constata no agir das mulheres. Ainda que constringidas pelos costumes, normas, crenças e valores próprios da realidade em que estavam inseridas, elas encontraram meios e estratégias para acumular bens, tecer suas próprias alianças e compor famílias que não necessariamente correspondiam aos modelos desejados pela Igreja ou pela Coroa.

Ao se voltar para o relacionamento entre testadores e seus escravos, Angelo se situa em uma perspectiva da história da escravidão que expande as possibilidades de atuação dos escravizados para além dos lampejos das rebeliões. Logo, visa recuperar as maneiras através das quais os sujeitos perceberam e agiram no mundo à sua volta, acomodando-se à escravatura de sua existência cotidiana ou mesmo aderindo à instituição através da aquisição e propriedade de cativos. Vindos de diversas regiões da África ou originários da América, os escravizados influíram na composição do universo cultural das Minas setecentistas - e, incontornavelmente, participaram de uma gama plural de arranjos familiares. Nesse sentido, Angelo reitera a relevância da residência na produção de afetos. Compartilhando uma única morada, senhores e escravos desenvolviam um conjunto diverso de emoções, recíprocas ou não, que se manifestaram nos testamentos analisados pelo autor. A prática recorrente de alforriar alguns cativos demonstra a importância das vivências afetivas, servindo para atenuar ou ainda dispensar o montante a ser pago para que a liberdade fosse alcançada.

No curso de sua obra, Angelo demonstra como os testamentos expressavam amores e dissabores experimentados no interior dos arranjos familiares conformados pelos moradores da comarca do Rio das Velhas. Em um arranjo social iníquo e indelevelmente marcado pela presença

da escravidão, mas que ainda assim deixava espaço para a imbricação recíproca de culturas e para meios de ascensão social (desde a alforria até a acumulação de riquezas ou alianças que atenuavam as máculas de origem), livres, forros e escravos de toda sorte experimentaram afetos e se organizaram em famílias que ultrapassavam os estritos limites do dogma católico. Nesse sentido, a contribuição de Angelo se mostra significativa, seja para melhor entender as configurações familiares e afetivas do passado, seja para afastar retóricas que instrumentalizam a história à luz das sensibilidades do presente, estranhas aos indivíduos que viveram e conviveram nas Minas do século XVIII.

Referências

- ANGELO, Fabrício Vinhas Manini. *Pelo muito amor que lbe tenbo: a família, as vivências afetivas e as mestiçagens em Minas no século XVIII*. Jundiá: Paco Editorial, 2021.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino*, v. 4. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1713.
- KAMBASKOVIC, Danijela. Love. In: BROOMHALL, Susan. *Early modern emotions: an introduction*. Nova Iorque: Routledge, 2017, pp. 56-60.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuel Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.
- HESPANHA, António Manoel. A família. In: MATTOSO, José. *História de Portugal: o Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Estampa, 1998, pp. 245-256.
- PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Enviado em: 22/09/2023

Aceito em: 28/02/2024